

# E NÃO VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO DOS CONTOS DE FADAS

Ana Paula Cordeiro Santiago (IC), Paula de Almeida Silva (PQ)

PIBIC-EM-EJA  
Câmpus Luziânia  
paula.almeida@ifg.edu.br

**Palavras-Chave:** *Contos de fadas; gênero; estereótipos de gênero.*

## Introdução

Nesta pesquisa comparamos contos de fadas a suas adaptações da Disney: A Bela e a Fera, Cinderela, A Rainha da Neve e O príncipe Sapo. Como objetivo geral investigamos como os contos de fadas originais e suas releituras representam os estereótipos de gênero e como eles contribuem para que as desigualdades entre homens e mulheres continuem a existir. Os dados nos levaram a perceber que as representações de gênero nas narrativas mobilizam várias categorias que fazem com que a estrutura da desigualdade de gênero permaneça intacta.

## Metodologia

Este trabalho assumiu uma análise feminista (HARAWAY, 1995), sendo assim, os dados gerados por essa pesquisa foram analisados de acordo com as perspectivas feministas. Os textos escritos e audiovisuais foram analisados qualitativamente (TAYLOR e BOGDAN, 1985). As categorias analisadas foram amor romântico; raça e classe social; estereótipos de gênero.

## Resultados e Discussão

Os filmes, assim como os contos de fadas originais, nos ensinam como ser mulher seguindo estereótipos, contribuindo para que novas gerações de meninas sonhem em se tornar princesas úteis à sociedade e ao patriarcado. Eles não conseguem escapar do amor romântico; do estereótipo de princesa e das representações de raça e classe. As princesas sonham em serem escolhidas (ZANELLO, 2018) e para que o sejam é preciso ser branca, loura, magra e jovem. À mulher negra o amor romântico está interdito (GONZALEZ, 2020), como revela A princesa e o sapo. As histórias mostram que para as mulheres a solidão e a violência sempre estarão presentes na busca pelo amor romântico (ZANELLO, 2018). A princesa e o sapo (2009), Cinderella (2015) e A Bela e a Fera (2017) reproduzem a ideia de que as mulheres podem salvar os homens se forem boas e gentis, um insulto a todos os esforços contra a violência de gênero. Não ganhamos nada se não

formos as guardiãs dos homens, já que a protagonista/princesa quase sempre tem o mesmo perfil: o desejo profundo de serem escolhidas e a busca pela validação masculina, que muitas vezes a coloca como presa fácil de violência psicológica, física, social e patrimonial. As mulheres nas narrativas são alocadas em um lugar de extrema vulnerabilidade e exploração, e com isso são roubadas de nós, mulheres, sonhos, liberdade e humanidade. Os contos de fadas, com exceção de Rainha da Neve, colocam a mulher em um lugar de submissão e de silêncio.

## Conclusões

As adaptações dos contos para os filmes esvaziam o conceito de empoderamento feminino; enaltecem o amor romântico; e fixam a raça e classe contribuindo para a desigualdade de gênero. As estruturas de gênero não estão sendo movimentadas: ainda nos apaixonamos por histórias de príncipes encantados e princesas que precisam resgatadas ou que são salvadoras de homens. Precisamos, urgentemente, contar novas histórias e não repaginar o que já mostra o que somos sem criticar o que deveríamos mudar em nossa sociedade.

## Agradecimentos

Agradecemos a todas as mulheres que lutaram por nós e as que seguem lutando, nos inspirando em nossa luta diária pelo reconhecimento de nossa humanidade plena.

GONZALEZ, LÉLIA. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 5, p. 07-39, 1995.

TAYLOR, Steven; BOGDAN, Robert. *Introduction to qualitative research methods: the search for meanings*. 2 ed. New York: John Wiley and Sons, 1984.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. *Appris*, 2018.